

#cm
2

QUINTA-FEIRA

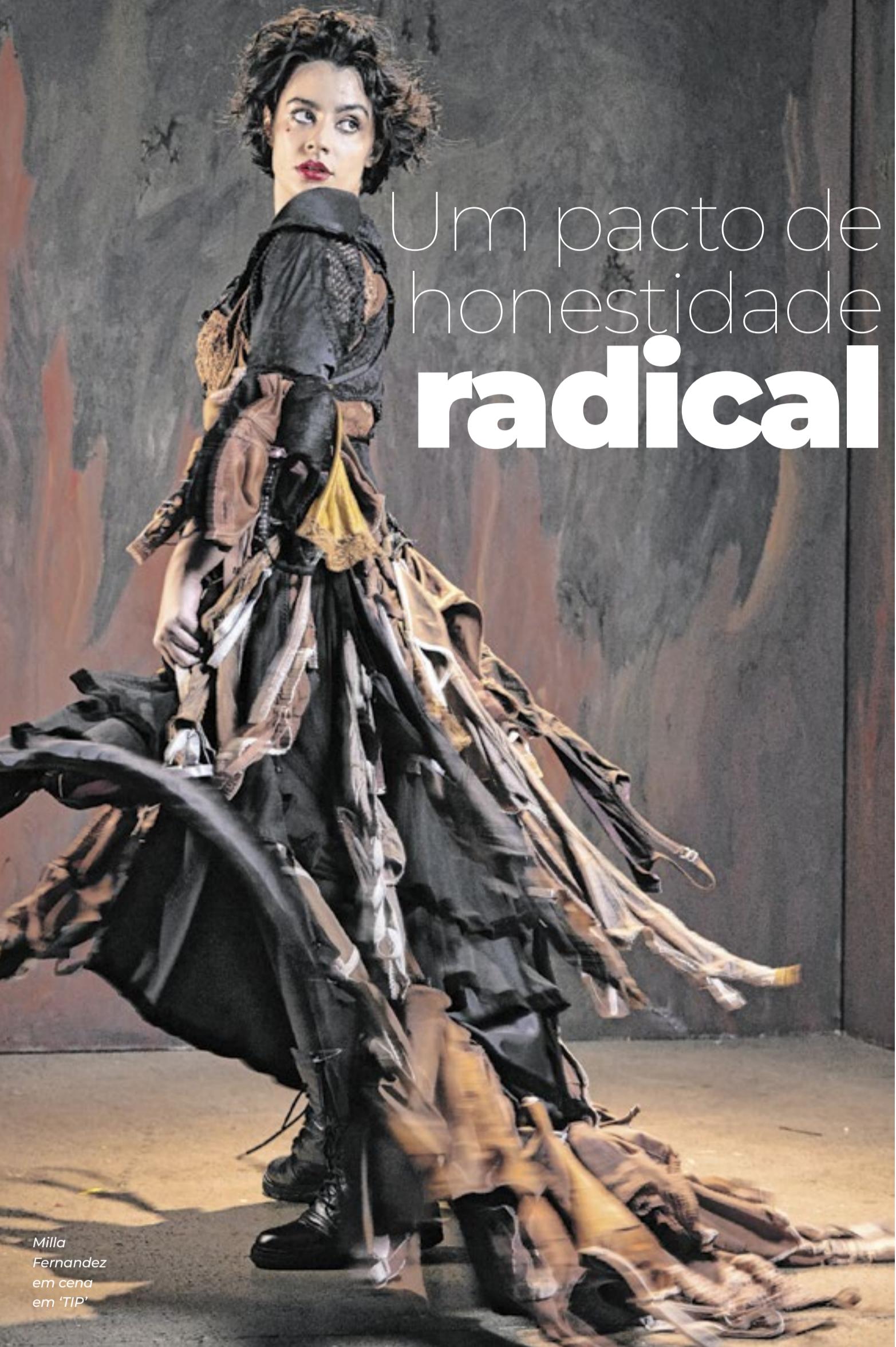


Do abismo à cena

Espetáculo ‘TIP’ parte da **experiência de Milla Fernandez** como **camgirl durante pandemia** e torna-se uma **potente reflexão** sobre performance, desejo e sobrevivência. Pág. 2

Alê Catan/Divulgação

Um pacto de honestidade radical



Milla
Fernandez
em cena
em 'TIP'

Acrise sanitária que paralisou o país entre 2020 e 2021 forçou milhares de artistas a reinventar formas de subsistência. Para a atriz Milla Fernandez, essa reinvenção passou pelo universo do entretenimento adulto online. A experiência, vivida com apoio do marido e da família, agora se transforma em matéria-prima da peça “TIP (antes que me queimem eu

mesma me atiro no fogo)”, que reestreia nesta sexta-feira (16) no Espaço Cultural Municipal Sergio Porto, sob direção de Rodrigo Portella.

O espetáculo de autoficção parte de um momento-límite: sem perspectivas profissionais e diante da necessidade urgente de garantir renda, Milla mergulhou no trabalho como camgirl, atendendo demandas de clientes anônimos em troca de gorjetas – as “tips” que batizam a montagem. O relato pessoal

acaba por se desdobrar num amplo questionamento sobre a condição da mulher artista numa sociedade orientada pela imagem e pelo desejo alheio. Em cena, a atriz não poupa a si mesma e transita entre o humor ácido e a exposição de vulnerabilidades, destrinchando situações cômicas, constrangedoras e dolorosas vividas tanto no universo pornô quanto na própria área do entretenimento tradicional.

A dramaturgia propõe uma

reflexão sobre os limites entre performance artística e performance erótica, entre autonomia e submissão aos desejos de uma plateia – seja ela composta por espectadores de teatro ou por consumidores de conteúdo adulto. “Na pandemia, sem ganhar um centavo como atriz, eu decidi molhar os pés no universo das camgirls. Acabei mergulhando de cabeça, me afogando num mar violento e só quando cheguei no fundo e pensei que ia morrer, des-

cobri que dá pra respirar embaixo d’água”, destaca Milla.

Para a atriz, o processo representou uma revisão radical de suas próprias certezas: “Durante anos meu objetivo foi me sentir segura. Hoje eu quero me sentir cada vez mais confortável na insegurança. Eu pensava que controlar tudo era sinônimo de força. Vivi uma vida inteira tentando estar preparada para quando o mundo caísse. Aí ele caiu e esmagou todas as verdades que eu tinha construído. Essa peça não é uma resposta, é uma pergunta que eu me faço todos os dias.”

O diretor Rodrigo Portella, responsável por montagens como “Tom na Fazenda” e “Ficções”, reconhece a radicalidade da proposta. “Eu fico abismado com a coragem dela. Eu jamais me exporia dessa forma. Apesar de que nem tudo corresponde à verdade (no que diz respeito aos fatos), essa é uma das peças mais ‘de verdade’ em que eu já estive envolvido”, afirma. “Essa peça, pra mim, é sobre uma jovem atriz que se atira no abismo, uma mulher que se lança no fogo ao invés de fugir ou paralisar. Não é só um ato de coragem, mas de resiliência e reparação. Uma espécie de revisão do seu processo de constituição como pessoa e artista”, completa o encenador que em 2025 estreou uma adaptação do romance “Ensaio Sobre a Cegueira”, de José Saramago, com o Grupo Galpão, e o musical “Ray – Você Não Me Conhece”, vencedor do Prêmio APCA 2025 de Melhor Direção.

A encenação, ensaiada em Barcelona – onde vivem diretor e atriz – com apoio da prefeitura local, aposta em recursos minimalistas. Longos tapetes vermelhos funcionam como único elemento cenográfico, evocando simultaneamente glamour e artifício. Portella faz escolha radical ao retirar os tradicionais panos pretos da caixa cênica, expondo a arquitetura teatral e explicitando para o público que está diante de uma construção, não de uma ilusão naturalista. A trilha de Federico Puppi e Leo Bandeira tem caráter essencialmente percussivo, complementado por Milla Fernandez, que toca sax durante o espetáculo. O figurino de Karen Brusstolin busca desviar dos clichês e dos fetiches.

Ao transformar a própria fragilidade em potência criativa, Milla Fernandez propõe ao público um pacto de honestidade radical – ainda que mediado pela elaboração artística – sobre os impasses da sobrevivência material e simbólica de mulheres artistas no capitalismo contemporâneo.

SERVIÇO

TIP (ANTES QUE ME QUEIMEM EU MESMA ME ATIRO NO FOGO)

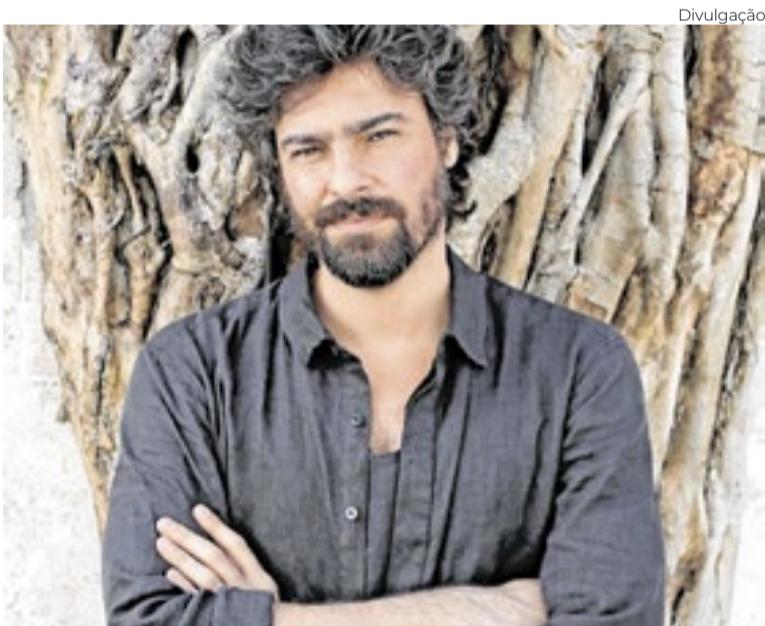
Espaço Cultural Municipal Sergio Porto (Rua Humaitá, 163) | De 16/1 a 8/2, às sextas e sábados (20h) e domingos (19h) | Ingressos: R\$ 60 e R\$ 30 (meia)



Lailson Santos/Divulgação

Desbravando o edifício mautneriano

Show 'Doce Dioniso', de Qinhones, revisita obra do filósofo-compositor que misturou rock, samba e pensamento dionisíaco na MPB



AFFONSO NUNES

Estamos há poucos dias (dois na verdade) do aniversário de 85 anos de Jorge Mautner, um dos mais inquietos artistas brasileiros. E nesta quinta-feira (15), o cantor carioca Qinhones estreia "Doce Dioniso", tributo ao cantor, compositor e escritor, a partir das 21h, no Manouche, com participação especial da cantora e compositora Letrux.

O repertório do show reúne canções de Mautner eternizadas nas

vozes de Caetano Veloso, Gilberto Gil, Gal Costa e Chico Science, como "Lágrimas Negras" e "Samba Jambo", além de pérolas menos conhecidas que circulam consagradas entre músicos e DJs mundo afora. O tributo idealizado por Qinhones não se limita à música: o espetáculo é entremeado por citações do pensamento mautneriano e de autores que o influenciaram, como o filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1844-1900), trazendo ao público uma amostra da fertilidade intelectual do homenageado. O título do tributo faz referência direta à adoração de Mautner por Dioniso, deus

grego da música, da embriaguez e da sensualidade e recorrente no pensamento de Nietzsche.

"O Mautner é um artista muito especial, e várias coisas dele me atraem. Mas primeiramente destaco a música, a grande obra dele, com canções incríveis. Muitas não que não se tornaram populares, e que são maravilhosas... E sempre com essa genialidade dele na escrita das letras, o que é muito marcante dele", comenta Qinhones. "E tem essa parte do Mautner filósofo, intelectual, sempre muito ligado nas filosofias orientais, e as misturava com as filosofias ocidentais de um jeito

muito único, brasileiro. Ele tem uma frase dele que eu acho genial que é: 'é caos, é Zen'. Ele está sempre trazendo a referência ao Zen Budismo, ou ao próprio Buda, ou aos indianos e os chineses, japoneses", acrescenta o músico.

Mautner é um personagem ímpar na música brasileira. Nascido Henrique Jorge Mautner em 1941, no Rio de Janeiro, de pai austríaco e mãe iugoslava, o artista atravessou décadas construindo uma obra que desafia classificações fáceis. Passou ao largo do pop mainstream, emplacou hits alternativos e consagrou seu estilo em álbuns marcantes das décadas de 1970 e 1980. Sua trajetória artística sempre foi marcada pela rejeição em se enquadrar: é simultaneamente intelectual, músico, escritor, performer e pensador iconoclasta.

Aos 21 anos, Mautner já demonstrava sua vocação múltipla ao receber o Prêmio Jabuti em sua estreia literária com "Deus da Chuva e da Morte", em 1962. Publicou ao longo da vida 12 livros que passam pela filosofia, pela autobiografia e por experimentações literárias. Mesmo com formação intelectual robusta – estudou Sociologia na USP – jamais se afastou da cultura popular brasileira. Pelo contrário: apaixonado pelas raízes culturais do país, Mautner produziu uma obra única, costu-

rando o zen com o samba, o candomblé com o rock, o desbunde com análises políticas.

Na música, gravou 14 álbuns e sua parceria longeva foi com o compositor Nelson Jacobina com quem criou clássicos como "Lágrimas Negras" e "Samba Jambo". A poética mautneriana é afiada e altamente irônica, navegando entre o erudito e o malandro, entre a filosofia nietzschiana e a ginga dos morros cariocas. Versos como "Na frente do cortejo, o meu beijo / Muito forte como aço, meu abraço / São poços de petróleo a luz negra dos seus olhos / Lágrimas negras caem, saem, doem" exemplificam sua capacidade de fundir lirismo intenso com imagens visuais potentes. Em "Samba Jambo", a síntese da filosofia existencial do artista se faz com leveza: "Eu não ando, eu só sambô por aí / Esse samba jambo / Escorregando para não cair".

Repaginar essa obra significa trazer para a atualidade uma das vozes mais provocantes do chamado "pós-tropicalismo", período em que Mautner, mesmo sem integrar oficialmente o movimento tropicalista, dialogava intensamente com seus protagonistas. Caetano Veloso e Gilberto Gil gravaram diversas de suas composições, reconhecendo no amigo um visionário cujo trabalho antecipava rupturas estéticas e comportamentais.

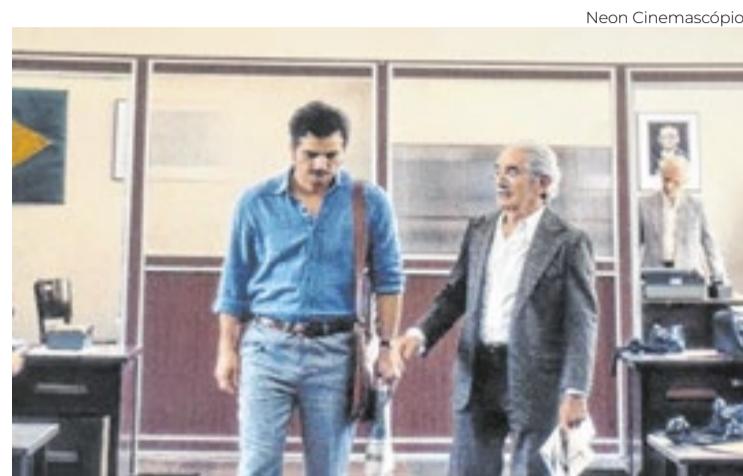
No palco do Manouche, Qinhones se apresenta acompanhado por Bruno Di Lullo (baixo e direção musical), Rafael Rocha (bateria), Mafram do Maracanã (percussão) e Antonio Fischer-Band (teclados). "Vim ouvindo com mais cuidado a obra do Mautner nos últimos anos, e naturalmente fui me apegando mais algumas músicas e desenvolvendo uma relação de paixão, de carinho, de deslumbramento... É difícil explicar o porquê, mas tem algumas músicas que mexem mais com a gente, né?", diz Qinhones, ao falar do repertório selecionado.

Aos 41 anos, Qinhones, antes conhecido como Qinho, consolidou-se como um dos artistas mais atuantes da cena independente carioca. Desenvolveu sua trajetória artística no Rio de Janeiro, lançou quatro álbuns autorais e criou projetos culturais diversos como o Festival Dia da Rua. Em quase 20 anos de carreira, participou de festivais como Back2Black, SWU, MECA e Rock The Mountain e já dividiu o palco com Luiz Melodia, Adriana Calcanhotto, Mart'nália, Fernanda Abreu, Paulinho Moska e Jards Macalé, entre outros.

SERVIÇO

QINHONES CANTA MAUTNER - DOCE DIONISIO
Manouche (Rua Jardim Botânico, 983)
15/1, às 21h
Ingressos: R\$ 120 e R\$ 60 (meia solidária com doação de 1kg de alimento não perecível ou livro para comunidades carentes)

CORREIO CULTURAL



'O Agente Secreto' tem 52,9% de sua receita vinda do exterior

'O Agente Secreto' fatura US\$ 5 milhões

"O Agente Secreto" já arrecadou quase US\$ 5 milhões (R\$ 27 milhões) em arrecadação total desde seu lançamento. Segundo o site Box Office Mojo, a maior parte da receita veio de fora do Brasil. O longa arrecadou até agora US\$ 4,629 milhões (R\$ 24,96 milhões) em bilheteria global. Desse valor, US\$ 2,1 milhões (R\$ 11,3 milhões) é arrecadação doméstica, o que equivale a 47,1% do total. Já

no exterior, o faturamento alcança US\$ 2,4 milhões (R\$ 13 milhões), o que corresponde a 52,9%.

A França é lidera essa audiência. O público europeu corresponde a US\$ 2 milhões (R\$ 10,7 milhões) da arrecadação internacional.

O filme ganhou dois Globos de Ouro no domingo: melhor filme em língua não inglesa e melhor ator de drama, pela atuação de Wagner Moura.

Zoe Saldaña no topo

Zoe Saldaña tornou-se a atriz de maior bilheteria da história do cinema após sua participação em "Avatar: Fogo e Cinzas", filme mais recente da franquia de James Cameron. Com o lançamento, que estreou em 18 de dezembro, a arrecadação global dos longas-metragens dos quais participou chegou a US\$ 15,47 bilhões - cerca de R\$ 83 bilhões, o suficiente para colocá-la no topo do ranking de bilheteria entre atores e atrizes. Até então ela ocupava a terceira posição do levantamento, atrás de Scarlett Johansson e Samuel L. Jackson.

Rouanet faz bem

Estudo da Fundação Getúlio Vargas (FGV) aponta que em 2024 a Lei Rouanet movimentou cerca de R\$ 25,7 bilhões na economia brasileira e gerou R\$ 3,9 bilhões em tributos - federal, estadual e municipal - sendo R\$ 12,6 bilhões de forma direta e R\$ 13,1 bilhões indiretos.

Rouanet faz bem II

A maioria dos projetos da Rouanet no ano analisado são de pequeno porte - 76,2% dos projetos são de até R\$ 1 milhão, enquanto 21,7% dos projetos estão na faixa entre R\$ 1 milhão e R\$ 10 milhões. Ultrapassaram a faixa dos R\$ 10 milhões somente 1,58% dos projetos.

Marina Lima anuncia novo álbum

Marina Lima anunciou o lançamento de "Ópera Grunkie", seu 18º álbum de estúdio, para 24 de março nas plataformas digitais. O trabalho marca o retorno da cantora carioca após quatro anos sem novos discos e inaugura um novo momento em sua trajetória. O projeto é o primeiro lançamento da cantora desde a morte de Antonio Cíceri, irmão e parceiro, em 2024.



Divulgação

De volta aos palcos



Maria Maud leva ao Blue Note Rio seu show 'Ensaio Aberto'

AFFONSO NUNES

Maria Maud retorna aos palcos nesta quinta-feira (15), às 22h30, no Blue Note Rio, com o show "Ensaio Aberto", que antecipa o lançamento de seu segundo álbum, previsto para maio. A apresentação marca o reencontro da cantora com o público dois anos após "Maud", trabalho de estreia que incluiu a regravação de "Dengo", sucesso de João Gomes que integrou a trilha sonora da novela "Travessia", da TV Globo.

Filha da atriz Cláudia Abreu e do cineasta José Henrique Fonseca, a cantora dedicou esse período à composição e experimentação sonora. "Esse tempo foi muito importante pra mim: mergulhei na composição, experimentei novos sons e me permiti viver um processo de amadurecimento artístico e pessoal que se reflete diretamente nesse novo projeto", afirma Maria. Sobre a proposta do show, ela completa: "Quero que o público participe des-

se processo comigo, sinta essa nova energia e caminhe junto nessa nova etapa da minha trajetória".

O repertório inclui canções autorais como "02.02", "Preguiça de Você", "Dengo", "Sem hora para voltar", "584" e "Acontecimentos / Palpite", além de releituras de "Deixar Você", de Gilberto Gil, "Acontecimentos", de Marina Lima, e "Longe de Mim", de Cazuza, que também integrarão o novo álbum.

O segundo disco representa um momento decisivo para qualquer artista, período em que é preciso consolidar uma identidade própria sem perder a conexão com o público conquistado. Maria Maud integra uma geração de cantores que vêm renovando a MPB com autoridade e personalidade.

Revelada em 2021 com o single "Sempre Chega", Maria Maud ganhou projeção nacional em 2022 ao regravar "Dengo". Desde então, sua voz circula em diferentes produções: emplacou canção autoral na série "Bom Dia, Verônica", da Netflix, e participou da trilha de "Renascer" com "Não Sei Dançar", tema da personagem Buba. Em

2024, estreou como atriz na segunda temporada de "Rensga Hits", série do Globoplay, interpretando a personagem Marlene.

Diferente de artistas que explodem com um único hit, Maria Maud construiu uma base sólida de ouvintes. Além de "Dengo", outras faixas como "Sem Hora Pra Voltar" e "Longe de Mim" ganharam destaque orgânico nas plataformas digitais - só no Spotify Maria tem mais de 96 mil seguidores.

Iniciada na música aos 8 anos, quando começou a compor e tocar violão, Maria passou a estudar canto e piano aos 11. O álbum de estreia, lançado em 2023, reuniu composições próprias e a regravação que virou tema dos personagens de Jade Picon e Chay Suede em "Travessia". Em fevereiro de 2024, lançou o single "02.02", inspirado em Iemanjá.

SERVIÇO

MARIA MAUD - ENSAIO ABERTO

Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910, Copacabana)
15/1, às 22h30
Ingressos a partir de R\$ 60

CRÍTICA DISCO | VOZES VISSUNGUEIRAS

POR AQUILES RIQUE REIS*



O canto ancestral das lavras de diamantes do Alto Jequitinhonha ganha vida com o Vozes Vissungueiras

"Vozes Vissungueiras" é um trabalho de fôlego sobre uma cultura que até hoje é alvo de racismos, nos levando a entender quem somos, de onde viemos e para onde queremos ir. Ouvi-lo é como presenciar um louvor à Cultura e juntar-se à comemoração pela luta que a trouxe até aqui. Ouça o álbum em <https://lnk.dev/Yzk0s>.

Ficha técnica

Percussão: Gui Braz, Luciano Mendes, Otis Selimane e Salloma Salomão; cordas: Di Ganzá; baixo: Marcelinho Dendém e Gui Braz; violão e guitarra: Gui Braz; flauta: Gui Braz e Salloma Salomão; timbila: Gui Braz. Vozes: Graciela Soares, Luciano Mendes, Mestre Enilson Viríssimo, Rita Teles e Salloma Salomão. Direção musical: Salloma Salomão; arranjos: Salloma Salomão e Gui Braz; curadoria: Rita Teles, Luciano Mendes e Joana Corrêa; mixagem e masterização: Nilson Costa. Artistas convidados: Juçara Marçal, Sérgio Pererê e Tiganá Santana.

*Vocalista do MPB4 e escritor

A tradição reavivada

Hoje trataremos de "Vozes Vissungueiras" (apoio Lei Aldir Blanc e Proac), álbum que busca reacender o Vissungo como forma de resistência e preservação cultural.

Mas o que é "Vissungo"? Bem, é uma tradição afro-brasileira e uma das formas mais antigas e populares de canto. Originário das minas de ouro e diamante em Minas Gerais, entoadado em línguas africanas por escravizados. Seu canto expressa dor, sofrimento e esperança na preserva-

ção da ancestralidade. Ao álbum.

"Hino (Tangana Nzambi)" abre a tampa com o vissungueiro Enilson Viríssimo – além de solista, Enilson é o guardião do repertório, contribuindo para a preservação de cantos ainda inéditos e só agora gravados. A seguir, "Bendito (Louvado Seja)": o solista segue seu cântico, enquanto o coro responde com vocal aberto. Logo, um solista declama os versos de "Entrada com o Quivimba na Igreja".

"Meu Corpo Todo Me Dói" segue com a percussão e a cantoria do coro e do solista. "Caxinguelê":

o violão toca a intro e junto com a percussão o solista dobra a própria voz, enquanto o coro arrepia. "Kuenga" chega com o chocalho apresentando dois cantores num canto malemolente. "Candamburu" rola recitado e logo o ritmo se dá ao solista, que segue a sua reza. Em "Dondoronjó (Canto da Tarde)" o violão ponteia com a percussão chocalhando e uma solista cantando sob o bater dos tambores. A flauta inicia "Tinguê Canhama" que, acompanhada pelo violão, puxa o solista. "Maria Combe" sobe com um duo vocal misto e logo uma so-

lista canta arritmo.

"...lo vim de Aruanda" (com reticências): a timbila (um tipo de xilofone originário do povo Chopi de Moçambique), rola com percussão e coro. Em "Jambá" o violão ponteia, o solista canta e a percussão marca. "Nda popera (Apopuero Catá)" vem com o violão e, em meio ao ritmo balançado, logo a solista eleva sua cantoria. O tambor bate em "Dendenga", o violão traz a harmonia e o solista atrai o coro de vozes femininas e a percussão. E chega "Andambi": a voz feminina se ajunta à masculina para fechar a tampa.

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES



Samba com Ana & Nilze

Nilze Carvalho e Ana Costa apresentam o show "A vida que se quer" nesta quinta-feira (15), às 10h30, no Teatro Rival Petrobras. As cantoras, compositoras e instrumentistas são acompanhadas pelo percussionista Paulino Dias em repertório que percorre diferentes vertentes da música brasileira, do jongo ao samba-enredo. O espetáculo inclui canções de compositores como Candeia, Djavan, Gilberto Gil, Nei Lopes, Arlindo Cruz, Luiz Melodia, Paulinho da Viola, Dona Ivone Lara, Milton Nascimento, Leci Brandão e Wilson Moreira.



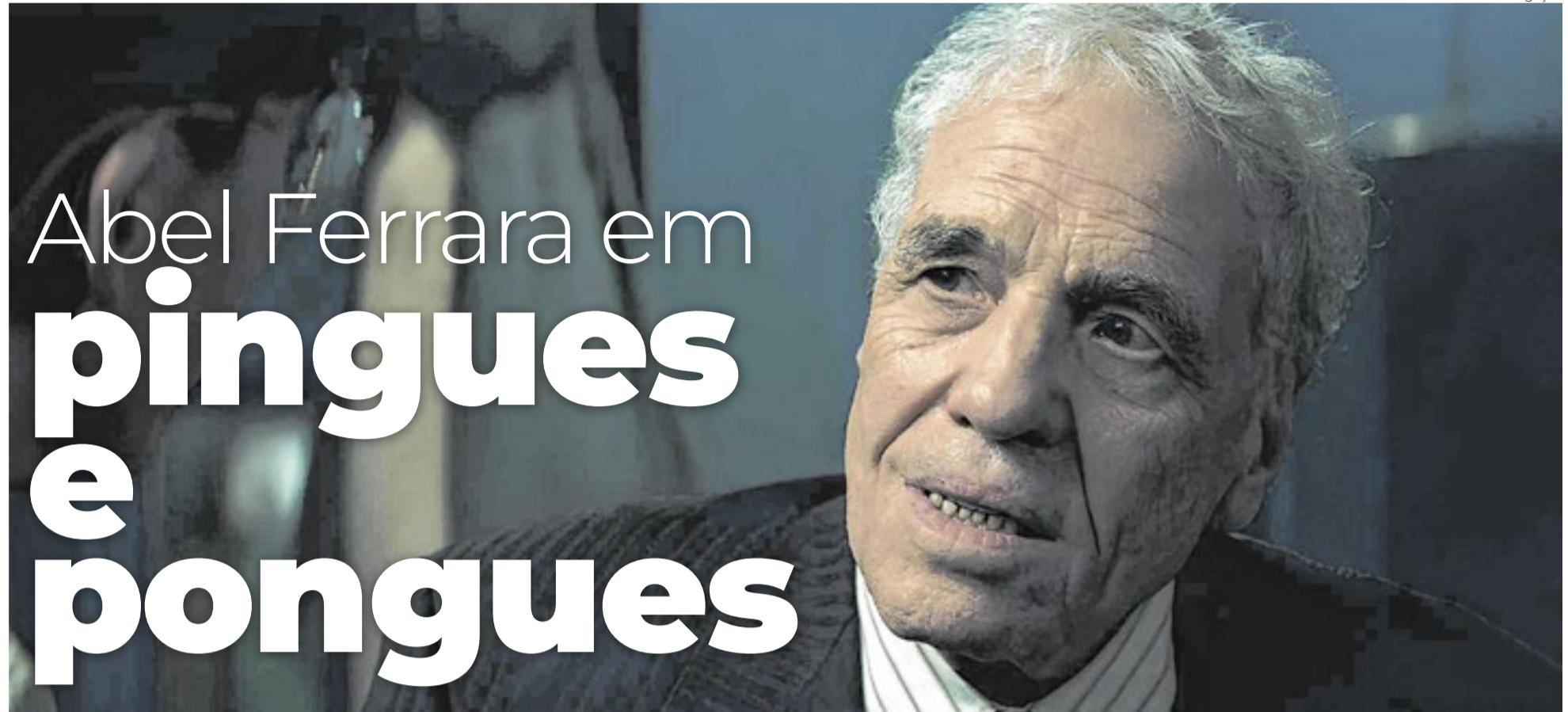
Música Preta Brasileira

O guitarrista e compositor Djâmen apresenta seu primeiro álbum, "Morrer e Renascer na Encruzilhada", no Blue Note Rio nesta quinta-feira (15), às 20h. O show reúne canções do disco e outras obras de sua carreira, com repertório que transita entre música afro-brasileira, jazz e elementos contemporâneos. O artista gaúcho, que vem obtendo reconhecimento internacional, explora em seu trabalho referências da tradição musical negra brasileira. O espetáculo marca o lançamento oficial do álbum de estreia.



Prog rock com CEP carioca

Referência da cena do rock progressivo no Rio de Janeiro, o trio Caravela Escarlate se apresenta na Audio Rebel, em Botafogo nesta quinta-deira (15), às 20h, com repertório que abrange seus três discos. A banda de rock progressivo carioca reúne Elcio Cáfar (bateria), Ronaldo Rodrigues (teclados) e David Paiva (baixo, guitarra e vocal). Antes do show, os alto falantes da casa estarão tocando clássicos e raros do rock progressivo mundial com mixtapes originais produzidas pelos próprios músicos do Caravela.



Abel Ferrara em pingues e pongues

Recheando streamings com sua obra autoral, o diretor de 'Padre Pio' ataca de ator em 'Marty Supreme', comédia nervosa de seu fã Josh Safdie que pode dar o Oscar a Timothée Chalamet

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Impressionando exibidores estrangeiros com um faturamento que só faz subir, sobretudo após a conquista do Globo de Ouro de Melhor Ator de Comédia (domingo passado) para Timothée Chalamet, "Marty Supreme" se consagra como um potencial sucesso de bilheteria e conta com pré-estreia no Brasil, neste fim de semana, para ampliar sua receita. O lançamento oficial aqui é no dia 22, mas há sessões dele na cidade, em diversos horários, desta quinta até sábado. O desempenho do astro de "Me Chame Pelo Seu Nome" (2017) como um craque de tênis de mesa obsessivo é um dos chamarizes do longa-metragem.

Cinéfilos de carteirinha que forem vê-lo serão presenteados com um mimo: a presença do diretor ítalo-americano Abel Ferrara em seu elenco. Muso das narrativas autorais independentes, o aclamado realizador de "Vício Frenético" (1992) anda, faz tempo, dedicado à realização do thriller de gângster "American Nails", com seus habituais camaradas Willem Dafoe e Asia Argento. No empenho de fazer ficções, ele roda documentários, autoralíssimos. Faz da Itália sua base de operações, não por acaso, na longa reportagem que o "The New York Times" fez sobre sua atual volta às telas, na condição de estrela, usa-se o título "Em Roma, chamam ele de Maestro".

Cada novo exercício que Ferrara

faz instiga fãs como Josh Safdie, que dirigiu "Marty Supreme" e convenceu seu ídolo a aparecer em cena armado, com os dentes trincados, no papel do malvadão Ezra Mishkin, que dará trabalho ao tenista de mesa vivido por Chalamet. Em paralelo a esse bico, Ferrara vem ocupando cada vez mais espaço nas plataformas de streaming. Um de seus trabalhos recentes de maior destaque, "Zeros e Uns" ("Zeros and Ones"), inédito no Brasil desde 2021, enfim ganhou espaço no país, via Amazon Prime. Há cinco anos, o longa rendeu ao artista o prêmio de Melhor Direção no Festival de Locarno, na Suíça. Ethan Hawke, seu protagonista, está em estado de graça em cena.

Lançado nos EUA em novembro de 2021, meio na surdina, sem fazer alarde, "Zeros e Uns" tem alcançado os olhares (e o aplauso) da crítica internacional devagarinho, mesmo espaço em tela à altura de sua potência. Ao cruzar experiências de textura de vídeo com a linguagem do Zoom e com a cartilha dos filmes de espionagem, o diretor de "Padre Pio" (2022), cria um mosaico plástico que renova, formalmente, o filão. Só "Guerra Sem Cortes" ("Redacted"), que deu a Brian De Palma o prêmio de melhor direção em Veneza, em 2007, atingiu algo tão posante na decantação da linguagem cinematográfica a partir de um diálogo com os códigos do YouTube. Na dramaturgia, Ferrara inflama (e joga sal sobre) as velhas feridas abertas na geopolítica internacional pelas práticas intervencionistas dos EUA. Os diálogos, ferocíssimos, abrem-se



Abel Ferrara interpreta o perigoso Ezra Mishkin em sequência clímax de 'Marty Supreme'

“Estamos carentes de autoentendimento no mundo e não é apenas pela pandemia. Falta um espaço para as pessoas se olharem nestes dias em que tudo é conectado e onde se rumina pouco as narrativas que a gente consome. Carecemos de gentileza para com as pequenas coisas que nos cercam” **ABEL FERRARA**



"Zeros e Uns" pode ser visto na Amazon Prime

a pérolas como "Jesus foi apenas mais um soldado, uma casualidade de guerra". Esse desenho narrativo híbrido de videoarte, artes plásticas, colagem de pinturas e suspense ganha um colorido a mais do carisma de Hawke, dividido em dois papéis.

"Estamos carentes de autoentendimento no mundo e não é apenas pela pandemia. Falta um espaço para as pessoas se olharem nestes dias em que tudo é conectado e onde se rumina pouco as narrativas que a gente consome. Carecemos de gentileza para com as pequenas coisas que nos cercam", disse Ferrara ao Correio da Manhã em Berlim, em 2020, quando lançou "Sibéria", um drama existencialista classificado como obra-prima, que pode ser visto na Amazon também.

Tem uns nove longas dele nessa plataforma, incluindo "Sedução e Vingança" (1981), um dos pilares de seu cinema. Lá também se encontra "Enigma do Poder" (1998). Já no Reserva Imovision estão seus "Bem-Vindo a Nova York" e "Pasinlini", ambos de 2014.

"Rei de Nova York" (1990) e "Maria" (Grande Prêmio do Júri em Veneza, em 2005) costumam ser mais citados, em cinematecas. Em 2024, na Berlinale, Ferrara exibiu uma experiência documental inédita: "Turn In The Wound", com a cantora Patti Smith.

Fantástica é a existência do Teddy

Láurea queer mais famosa do cinema chega aos 40 anos e comemora a data com mostra na Berlinale, que resgata produções como o cult de Sebastián Lelio contra a transfobia



RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Único longa-metragem de ficção chileno a conquistar o Oscar, consagrado na vereda de Melhor Filme Internacional, "Uma Mulher Fantástica" vai ganhar uma sobrevida nas telas em meio à comemoração que a 76ª Berlinale prepara para o aniversário de 40 anos do troféu Teddy. O ursinho de carinha marota que representa essa láurea emprestou feições otimistas à mais simbólica das premiações do cinema mundial na representatividade da comunidade queer. Debates contra a homofobia e a transfobia ganharam tradução em imagens em movimento entre as produções galardoadas com esse mimo de resistência de 1987 até hoje.

Por isso, o Festival de Berlim, agendado de 12 a 22 de fevereiro, vai promover uma revisão de alguns dos mais lendários ganhadores desse prêmio com direito a projeção de "Queens Don't Cry", um dos sucessos do mítico Rosa von Praunheim (1942-2025), realizador notório por sua luta em prol dos direitos dos gays, morto em dezembro.

Num aula de diversidade a mostra Teddy 40, da Berlinale, junta cults multinacionais egressos da Argentina ("Playback. Ensayo de una despedida", de Agustina Comedi), dos EUA ("The Watermelon Woman", de Cheryl Dunye), da França ("Tomboy", de Céline Sciamma) e mais uma leva de nações. A filmografia chilena acaba por se impor pelo êxito de "Uma Mujer Fantástica" em salas de todo o mundo a partir de sua primeira projeção, em 2017, lá mesmo, na capital alemã. Saiu de lá com o Urso de Prata



Divulgação

Num relato poético sobre a resistência das populações trans, Daniela Vega vive uma cantora acossada pelo preconceito em "Uma Mulher Fantástica", egresso do Chile



"The Bride" é uma releitura de Frankenstein

de Melhor Roteiro e com a láurea LGBTQIAP+ da maratona cinéfila berlinese, consagrando seu diretor, Sebastián Lelio.

"Eu venho de uma geração que começou a filmar num país culturalmente açodado por uma ditadura e que, apesar dela, atravessou os anos 1970 produzindo uma arte de resistência e de ousadia formal. Aprendi a fazer cinema tendo a criatividade dos grandes filmes daqueles anos de luta como um farol, e isso me levou a ficar sempre atento à necessidade de poder construir histórias e personagens

que não pudesse ser rotulados com uma única palavra. Creio em filmes que misturam gêneros, que surpreendem", disse Lelio ao Correio da manhã na Berlinale. "Não vejo 'Uma mulher fantástica' como a angústia de uma trans e sim como uma narrativa sobre a capacidade que alguém tem de se transformar e encarar a intolerância do mundo à mudança. A personagem de Daniela já assumiu quem é e está pronta para viver sua identidade. O mundo é que não parece estar pronto pra ela".

Ocupado hoje com os projetos

"Poeta Chileno" e "Voyagers", Lelio levou a Cannes, no ano passado, o musical "A Onda", centrado na luta de mulheres latinas contra violência de gênero. Em 2022, concorreu à Concha de Ouro do Festival de San Sebastián, na Espanha, com o cult "O Milagre", hoje na Netflix. Fez sucesso no passado ainda com "Desobediência" (2017), no qual volta cruzar limites morais, agora falando da homoafetividade no seio da ortodoxia judaica: banida de sua comunidade pelo affair que teve com uma amiga no passado, Ronit (Rachel Weisz) regressa às suas raí-

zes, mas cai de amores pela mulher do rabino em sua volta ao lar.

"Gosto de histórias sobre pessoas que enfrentam restrições à sua felicidade", disse Lelio, que brilhou na direção do remake americano de seu primeiro sucesso: "Gloria" (2013), que revelou a atriz chilena Paulina García (de "A noiva do deserto") para o mundo, tendo Julianne Moore no papel de uma cinquentona que busca fruir seu desejo sem paranoias sociais etaristas. "Concebi 'Gloria' como um ensaio impressionista sobre as amarguras e doçuras que encontramos no caminho ao amar".

No dia 20 de janeiro, a atual diretora artística da Berlinale, a curadora Tricia Tuttle, anuncia os títulos em competição. Suspeita-se da presença da adaptação que Anna Muylaert ("Que Horas Ela Volta?") fez da canção "Geni e o Zeppelin", de Chico Buarque – mas nada foi oficialmente confirmado. A voz autoral brasileira mais evocada nas triagens do que poderia concorrer ao Urso dourado é o cineasta cearense Karim Aïnouz, onipresente na cena audiovisual estrangeira. Ele acaba de integrar o júri de Marrakech. Seu novo trabalho, contudo, é uma produção rodada na Espanha, de medula gringa: "Rosebush Pruning". Com gênese amalgamada ao cult italiano "De Punhos Cerrados" (1965), de Marco Bellocchio, o novo Karim acompanha os conflitos de uma família que luta contra doenças genéticas no coração de uma propriedade rural. Seu time de estrelas inclui Pamela Anderson, Elle Fanning, Callum Turner, Riley Keough, Jamie Bell (o eterno "Billy Elliot"), Lukas Gage, Tracy Letts e Elena Anaya. A produção é da MUBI, The Match Factory e The Apartment (uma empresa Fremantle).

No exterior, algumas produções há muito anunciadas carregam expectativa de estarem lá, como "The Way Of The Wind", de Terrence Malick, sobre a vida de Jesus Cristo. Fala-se muito ainda do novo drama do diretor português João Canijo: "Encenação", com Beatriz Batarda. Ele foi premiado lá em 2023 com "Mal Viver". O galês Peter Greenway, sumido há quase uma década, pode regressar com "Tower Stories", tendo Dustin Hoffman como ator principal.

É dada como certa a presença do thriller de horror feminista "The Bride", releitura da atriz e cineasta Maggie Gyllenhaal para o mito da Noiva de Frankenstein, com Jessie Buckley no papel título e Christian Bale como o monstro. Penélope Cruz também está nesse filme. Na linha de elencos estelares, Zendaya e Robert Pattinson podem dar o ar de sua graça no Berlinale Palast à frente do longa "The Drama", sobre as angústias de um casal às turras. Aguarda-se também a convocação de "O Vale do Imaginário" ("Bucking Fasts"), que o artesão autoral Werner Herzog, rodou com as irmãs Kate e Rooney Mara.



Divulgação

Aventura lúdica para os pais curtirem com a molecada

“O Diário de Pilar na Amazônia” chega aos cinemas com um elenco que mistura nomes consagrados com promessas do cinema

PEDRO SOBREIRO

Nesta quinta (15), estreia nos cinemas de todo o Brasil “O Diário De Pilar Na Amazônia”, nova aventura voltada para o público infantil que adapta o livro homônimo de Flávia Lins e Silva e Joana Penna.

Novo filme nacional da The Walt Disney Company, a pequena Pilar (Lina Flor) é uma jovem exploradora que busca salvar as árvores de seu bairro no Rio de Janeiro. Porém, após receber uma rede mágica de teletransporte de seu avô, ela convida o amigo Breno (Miguel Soares) para ir com ela conhecer a Amazônia, onde se depara com um grupo de mercenários que estão tacando fogo nos vilarejos indígenas e desmatando a floresta. Junto a Breno e seus novos amigos da região, Pilar vai tentar impedir que os bandidos desmatem a floresta.

Com direção de Duda Vaissman e Rodrigo Van Der Put, o filme traz uma molecada boa como protagonista, mas também apostou em nomes consagrados para trazer equilíbrio ao elenco. A convite da Disney, o Correio da Manhã conversou com Emílio Dantas, Rafael Saraiva e Nanda Costa, que dão vida aos vilões do filme e à mãe de Pilar, respectivamente.

Apesar de já ser consagrado na cena da comédia, sendo destaque no canal “Porta dos Fundos”, Rafael Saraiva é um ator jovem. Com apenas 24 anos, ele costuma ser um dos nomes mais jovens das produções que participa. Porém, neste filme, em que ele dá vida ao Zé Minhocão, um vilão atrapalhado, Saraiva se vê como um dos nomes mais experientes do elenco.

“Tinham muitas crianças com a gente no set, mas também tinham o Emílio [Dantas], o Babu [Santana] e o [Marcelo] Adnet. Então meio que estava no ‘ensino médio’ do



Nanda Costa interpreta a mãe de Pilar, agora trazendo experiências da maternidade na vida real

Divulgação/ Helena Barreto



Emílio Dantas e Rafael Saraiva dão vida a um grupo de mercenários, os vilões do filme

elenco, sabe? E não ser a pessoa mais nova no set teve graça. Por outro lado, eu continuava com um olhar

muito disposto, porque as crianças não têm nenhum tipo de truque, é tudo muito natural. Isso é muito in-

teressante de acompanhar enquanto ator, que não tem nada marcado assim, e são crianças muito talentosas e disponíveis, eram divertidíssimas no set. Então, eu adorei. Me senti muito amparado, tanto pelas crianças mais velhas quanto pelas crianças mais novas”, contou.

Já Nanda Costa tem menos tempo de tela, porque sua personagem não vai para a Amazônia. Por isso, ela buscou as experiências que viveu na maternidade da vida real para compor sua personagem.

“A maternidade mudou tudo na minha vida. Parece que a vida vira de cabeça para baixo e depois você segue vivendo. Eu estava falando aqui que eu já fiz muita coisa na TV e no cinema também sem ter sido mãe na vida real. E hoje, fazendo mãe, é completamente diferente. Eu brinco: ‘Como é que eu consegui enganar bem por tanto tempo?’, porque é muito diferente. Mas é mágico, assim, você estar nesse lugar depois de viver a experiência que a maternidade trouxe, sobretudo de gêmeas, porque, apesar de terem o mesmo mapa astral, elas são completamente diferentes. Cada filho é um filho, sabe?”, compartilhou Nanda.

Por fim, Emílio Dantas contou que entrou para o projeto porque ficou ‘com ciúmes’ da parceira, Fabiula Nascimento, que havia feito um filme infantil recentemente.

“Cara, eu entrei em ‘o Diário de Pilar’ fundamentalmente por inveja [risos]. Porque a Fabiula estava acabando de fazer o ‘Detetives do Prédio Azul 4’ e eu tinha levado as crianças para visitar o set. Eles ficaram loucos com o set com a mamãe de personagem e tal. E eles já entendem muito o rolê do nosso trampo. Vendo eles encantados, eu falei: ‘Ah, cara, eu quero também, pô. Eu quero que eu também tenha um filme infantil para ver com eles’. E aí, quando vi a história desse filme e esse quarteto de vilões muito Trapalhões, eu achei muito divertido”, contou.

Nanda Costa concordou e se disse feliz com a oportunidade de fazer um filme para ver com as filhas.

“Eu fiquei muito feliz com o convite de poder fazer um filme que as minhas filhas podem assistir. Eu vou poder ir ao cinema com elas, sabe? Fiquei muito animada com isso”, completou.

Emílio também comentou sobre seu visual diferentão, que foi um pedido do próprio ator.

“Quando eu vi que a gente tinha poucas diárias, eu estava em um momento entre trabalhos que me daria bom tempo de espera. Eu falei: ‘cara, vai dar para brincar muito com a caracterização’. Eu pedi essa caracterização louca porque ainda não tinha um personagem assim na minha ‘bolsa’, sabe? A gente fica fazendo muita novela, e a TV usa pouquíssimo desses visuais malucos”, concluiu Emílio Dantas.